

UNIVERSIDADE: A DIALÉTICA DO MERCADO E DA SOCIEDADE

Alternativas para a universidade em um período de neoliberalismo

Hindenburgo Francisco Pires
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Professor Adjunto do Departamento de Geografia

Introdução

Ao se pensar sobre as alternativas existentes para a universidade em um período de neoliberalismo, dois grandes temas da atualidade imediatamente emergem como pontos de partidas: o mercado e a sociedade.

A definição de princípios que balizam a função da universidade passa necessariamente pelas questões: deve a universidade estar direcionada para o mercado ou para a sociedade? Como combinar e desenvolver esta dupla função da formação universitária, sem desvirtuar e privilegiar esta orientação em detrimento de um ou de outro aspecto? Eis aí uma das contradições básicas da função da universidade e de sua crise de identidade.

Universidade e Mercado

A idéia de que a universidade latino-americana deve buscar sua autonomia e conquistar uma independência maior e real dos recursos do estado e do poder público não é original e nem atual.

Numa época de crise política do estado-provedor e de crescente austeridade orçamentária e financeira, acredita-se que uma das saídas para vencer a redução dos investimentos na área da educação, é a adequação da universidade e do ensino profissionalizante ao mercado.

Como as universidades podem se adequar às exigências do mercado e contribuir para o aprimoramento do sistema produtivo? Formando recursos humanos de qualidade; auxiliando a aprimorar a capacidade competitiva das empresas; concebendo novas tecnologias que viabilizem a elevação da produtividade econômica; aperfeiçoando a organização e administração das atividades produtivas. Mas, nem sempre a pesquisa e a investigação científica conseguem se adequar às necessidades do mercado, e não são todos os pesquisadores que aceitam perder a liberdade de criação ou de elaboração de uma pesquisa,



direcionando-a apenas a interesses que são eminentemente voltados para o mercado ou para o aperfeiçoamento do sistema produtivo nacional.

Alguns defensores do ideário do discurso neoliberal acreditam que as universidades públicas estão divorciadas do mercado e ignoram o processo de globalização. Segundo ainda estes, as universidades devem buscar meios de se tornarem competitivas, produtivas e procurar formas estáveis de se auto-sustentarem e se tornarem autônomas; devem ser capazes de proverem o caráter de suas produções: acadêmica, científica e social, com seus próprios recursos; devem estar voltadas para o mercado e para a promoção do desenvolvimento de inovações tecnológicas, direcionadas para o aprimoramento da competitividade do sistema produtivo nacional.

Estas afirmações são em parte verdadeiras e são difíceis de serem refutadas, mas não são suficientes para nortear e dar consistência ao verdadeiro papel que a universidade deve cumprir na promoção do desenvolvimento social, na resolução dos problemas sociais, na formação profissional e na elevação da dimensão imaginária e coletiva da sociedade.

Não serão estas assertivas uma exacerbação economicista da dimensão do mercado e de seu papel na manutenção da atividade universitária? Por outro lado, pensar a universidade destituída da dimensão do mercado pode ser também uma outra exacerbação ingênua do papel da atividade universitária na lógica reprodutiva do capitalismo tardio. Procurar formas de combinar estas duas dimensões: o mercado e a sociedade, sem desvirtuar ou privilegiar um ou outro aspecto, da função institucional da universidade, eis aí uma das perspectivas do raciocínio dialético e crítico pós-moderno.

O discurso das tendências vinculadas ao neoliberalismo tende a justificar ideologicamente a inserção das universidades no mercado globalizado como um imperativo, mas como efetuar esta "inserção" desmontando as atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D)? Como efetuar esta inserção no mercado globalizado abrindo mão da estratégia de capacitação tecnológica e da soberania político-administrativa e dos instrumentos governamentais de regulação do mercado? Que inserção é esta, na qual pesquisadores e professores continuam recebendo salários indecentes e profundamente desproporcionais aos salários que são pagos, pelo mesmo trabalho, nas universidades dos países ricos? A lógica da competitividade e dos investimentos em P&D não tem sido aplicada, com a mesma ênfase, para os salários dos pesquisadores e dos professores, mesmo quando estes são considerados, por inúmeros processos de avaliação, socialmente produtivos.

Existe um relativo consenso na idéia de que a universidade precisa alcançar níveis de excelência e de produtividade social. Mas, para que mercado deve estrategicamente a universidade se voltar? Quase sempre esse discurso tende a ser camuflado (fetichizado), deixando de evidenciar o verdadeiro papel que a universidade deve cumprir para a sociedade e o bem-estar social. Em quase todo discurso neoliberal moderno, o mercado é ideologicamente sobrevalorizado.



Nesta narrativa o mercado assume o papel semântico de um sujeito-agente (causador voluntário) do processo de construção do projeto de sociedade.

Segundo o julgamento tecnocrático neoliberal, o papel da universidade tende a se restringir apenas à função econômica que esta cumpre no sistema produtivo, ou então, às funções que são arbitrariamente delegadas pelo estado através de seus mecanismos de financiamento.

Universidade e Sociedade

Guardiã por excelência da produção científica e cultural da sociedade, a universidade não pode ter o seu papel limitado apenas as regras de adequação ao mercado, típicas de sua função econômica. Além de ser presidida pela função econômica, a universidade possui também funções sociais, simbólicas e culturais.

Querer impor à universidade pública os novos paradigmas organizacionais de algumas empresas privadas significa retirar-lhe o princípio de autonomia institucional e o caráter social de sua produção cultural. A universidade é presidida por uma lógica muito mais complexa e abstrata em suas funções sociais do que a lógica que preside e regulamenta a vida empresarial.

Embora tenha havido um crescimento expressivo do ensino universitário, a extensão deste crescimento fica cada vez mais longe de se aproximar das necessidades dos filhos da classe trabalhadora. Com uma estrutura cada vez mais excludente e elitista, o sistema universitário tem desintencionalmente aprofundado o fosso que assegura a lógica da reprodução do sistema de apartação social da sociedade burguesa.

Uma crise de identidade institucional emerge em decorrência do processo de dissimulação destas práticas pseudodemocráticas, onde todos participam abstratamente em igualdade de oportunidade e poucos, pertencentes aos segmentos ou as categorias da classe trabalhadora, conseguem se tornar demandadores do conhecimento social acumulado (ciência) e da produção cultural, produzidos pelo sistema universitário.

Com o agravamento da crise financeira do estado-provedor e coincidentemente com a emergência da crise de identidade institucional da universidade pública, o caráter de sua produção social e econômica passou a ser cada vez mais questionado pelos representantes do neoliberalismo estatal, que desejam reavaliar e redefinir a sua função institucional.

A crise de identidade institucional da universidade tende a diminuir quando esta redefine e aprofunda as suas funções sociais e culturais. Isso não significa que a universidade deva prescindir de suas funções econômicas. Mas, a produção universitária não pode ser convertida à lógica do fetichismo da mercadoria, na qual o produto do sistema universitário atende mais as regras de simulação da produção global de mercadorias do que as necessidades da sociedade.



Segundo Boaventura de Souza Santos ¹, no livro *Pela Mão de Alice*, o economicismo que deriva do processo de exarcebação da função econômica da universidade:

“... consiste em conceber o produto universitário como um produto industrial, ainda que de tipo especial, e conseqüentemente em conceber a universidade como uma organização empresarial. Este viés está hoje muito difundido e a sua vigência incontrolada representa um perigo importante para a autonomia institucional universitária”.

O perigo deriva basicamente de dois vectores: o ciclo do produto e o ciclo do processo de produção. Quanto ao primeiro vector, o ciclo do produto, o perigo resulta de o produto industrial ter um ciclo mais curto do que o do produto universitário. A lógica da rentabilidade do investimento tende a favorecer o curto prazo em detrimento do longo prazo, e por isso só um número reduzido de empresas faz investimento estratégico, orientado para o médio e o longo prazo. A aplicação desta lógica ao desempenho da universidade tende a favorecer utilidades de curto prazo, sejam eles cursos curtos em detrimento de cursos longos, formações unidireccionadas em detrimentos de formações complexas, investigação competitiva em detrimento de investigação pré-competitiva, reciclagem profissional em detrimento de elevação do nível cultural, etc., etc. E isto é tanto mais perigoso quanto é certo que “... a universidade é uma das poucas instituições da sociedade contemporânea onde ainda é possível pensar longo prazo e agir em função dele. (In: SANTOS, 1995:216-217) ”

1. Santos, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice : o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.